

PRAZER E SOFRIMENTO NA PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR: ESTUDO DE CASO EM UMA IFES MINEIRA

*Pleasure and suffering in the teaching practice at a College Institution:
case study at a Federal College Institution located in Minas Gerais state.*

CUPERTINO, Valéria¹

GARCIA, Fernando Coutinho²

HONÓRIO, Luiz Carlos³

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar as percepções de professores de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) mineira, localizada em Belo Horizonte, em relação às vivências de prazer e sofrimento no trabalho. Para tanto, realizou-se uma pesquisa descritiva que utilizou a abordagem qualitativa, com base em um estudo de caso. Foram realizadas oito entrevistas semiestruturadas analisadas sob a ótica da Análise dos Núcleos de Sentido (ANS), gerando 11 categorias temáticas. Pelas análises efetuadas, pôde-se observar que prazer e sofrimento no trabalho coexistem no ambiente laboral dos professores e não são excludentes.

Palavras-chave: Prazer; Sofrimento; Docência.

ABSTRACT

This study aims to analyze the perceptions of the professors within a Federal College institution located in the city of Belo Horizonte in Minas Gerais State regarding the experiences of pleasure and suffering at work. Hence, a descriptive research was carried out utilizing the qualitative approach based on a case study. Eight semi structured interviews were carried out analyzed utilizing the perspective of Meaning analysis (ANS) which generated eleven thematic categories. According to the analysis carried out it might be noted that pleasure and suffering at work coexist in the professor work environment and they are not exclusionary.

Keywords: Pleasure; Suffering; Teaching staff.

¹ Mestre em Administração pela Faculdade Novos Horizontes; Especialista em Treinamento Desportivo pela PUCMINAS; Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora de Educação Física do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: <valeiracupertino@yahoo.com.br>.

² Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo com Pós-Doutorado em Sociologia do Trabalho pela Università di Roma; Mestre em Administração pela UFMG; Graduado em Geografia pela PUCMINAS. Professor Titular da Faculdade Novos Horizontes. E-mail: <fernando.coutinho@unihorizontes.br>.

³ Mestre e Doutor em Administração, ambos pela UFMG; Graduado em Psicologia pela PUCMINAS. Professor Titular da Faculdade Novos Horizontes. E-mail: <luiz.honorio@unihorizontes.br>.

INTRODUÇÃO

Diante da reestruturação produtiva, do acirramento da competitividade no mercado e dos constantes avanços tecnológicos, alterações significativas vêm ocorrendo no mundo do trabalho. Novos e diferentes posicionamentos foram estabelecidos nas organizações. Surgiram novos regimes de trabalho, como terceirização, subcontratação e informalidade, marcados pela flexibilidade e pela exclusão da cobertura trabalhista (HONÓRIO, 1998), tornando as relações de trabalho fragmentadas e diversificadas. As organizações modernas passaram a exigir dos trabalhadores capacidade de inovação, habilidades para resolver problemas complexos, alto nível de comprometimento com os valores organizacionais (LUZ, 2007) e, até mesmo, capacidade de gerir seu próprio capital intelectual, a fim de se manterem empregáveis (BARROS; ANDRADE; GUIMARÃES, 2008).

Nessa perspectiva, vários estudiosos, como Mancebo (2007), Freitas e Cruz (2008), Cruz *et al.* (2010) dentre outros, têm se dedicado ao estudo sobre a precarização do trabalho docente, a redução de investimentos e a desvalorização da educação. Para Freitas e Cruz (2008), tais estudos deixam claro que as condições de trabalho, a precarização e a percepção que o professor tem de sua realidade profissional têm relação direta com sua saúde e que pouco se tem feito sobre o processo de adoecimento dos professores. Discorrendo sobre a temática, Cruz *et al.* (2010) pontuam que os professores, tanto de escolas públicas quanto privadas, têm apresentado problemas de saúde que vão desde problemas de voz e Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) até quadros de depressão, estresse e Síndrome de Desistência (*Burnout*), no qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho.

Por esse motivo, a seguinte questão direcionou a pesquisa: Quais são as percepções de professores de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) em relação às vivências de prazer e sofrimento no trabalho?

Este estudo será pautado na Psicodinâmica do Trabalho. Tal abordagem parte da análise do conflito entre a organização do trabalho e o trabalhador, para esclarecer quais processos são mobilizados pelo homem para garantir a sua saúde. Interessa para a Psicodinâmica identificar como determinado contexto de trabalho oportuniza para o indivíduo o uso de estratégias para mediar às adversidades das situações de trabalho (MENDES, 2007a).

Para Merlo e Mendes (2009), os vários estudos realizados até hoje por pesquisadores brasileiros, como Mendes e Abrahão (1996), Lancman *et al.* (2007) e Santos Junior, Mendes e Araujo (2009), utilizando este método indicam que ele não só permite produzir novos conhecimentos, como também revela-se como um instrumento para intervenção, prevenção e transformação de processos de trabalho agressivos à saúde psíquica.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Psicodinâmica do Trabalho tem por objetivo estudar, de um lado, as relações entre condutas, comportamentos, vivências de sofrimento e de prazer; e, de

outro, estudar a organização do trabalho e as relações sociais de trabalho. Funda-se, portanto, para dar conta do sujeito no trabalho, valendo-se de conceitos psicanalíticos como inconsciente, defesa e conflito (FERREIRA; MENDES, 2003). Ela privilegia o estudo do homem no trabalho, na sua relação com os outros sujeitos e com o coletivo. Parte do pressuposto de que o trabalho é um lugar privilegiado para o exercício da palavra e da enunciação, fazendo a mediação entre o inconsciente e o campo social (DEJOURS, 1994).

Para a Psicodinâmica, as pressões capazes de pôr em risco o equilíbrio psíquico e a saúde mental do indivíduo derivam da forma como o trabalho está organizado e atingem diretamente o envolvimento do trabalho e suas atividades, como também a questão das relações que se constroem entre os próprios trabalhadores (DEJOURS, 1994). Segundo Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), o conflito entre a organização de trabalho e o funcionamento psíquico pode ser reconhecido como fonte de sofrimento e, ao mesmo tempo, chave de sua possibilidade de análise. Mendes (2007b) aponta que a Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem de pesquisa e ação sobre o trabalho. Ou seja, um modo de fazer análise crítica, sendo também um modo de ação na organização do trabalho. Segundo a autora, o espaço da fala e da escuta do sofrimento, originado da realidade da organização do trabalho, permite aos trabalhadores reconstruir a capacidade de pensar e desenvolver estratégias de ações individuais e coletivas na busca do prazer e da saúde.

Utilizar a Psicodinâmica do trabalho como teoria e método significa compreender os efeitos que a escuta do sofrimento produz nos processos de subjetivação dos trabalhadores e na sua saúde mental (MERLO; MENDES, 2009). Como afirma Dejours (1994), a pesquisa nessa abordagem é um processo de interação no qual os trabalhadores analisam suas vivências e os pesquisadores propõem hipóteses a serem discutidas, com o objetivo de demonstrar as contradições da relação sofrimento e organização do trabalho.

Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994) explicam que a relação do homem com a organização é a origem da carga psíquica do trabalho e que o sofrimento começa quando o rearranjo da organização do trabalho não é mais possível, quando o indivíduo usa o máximo de suas faculdades intelectuais, psicoafetivas, de aprendizagem e de adaptação. Para os autores, a energia pulsional se acumula no aparelho psíquico e, se a evolução do processo não é interrompida, as capacidades de contenção são transbordadas e a energia recua para o corpo, desencadeando a patologia. Segundo Gradella Júnior (2010), o sofrimento psíquico não é a patologia caracterizada, mas sim a descompensação provocada pela organização do trabalho, levando a angústias, ansiedades, medos e frustrações, impedindo o indivíduo de se apropriar das objetivações necessárias para a realização de sua atividade profissional.

Para Lancman e Uchida (2003), uma das descobertas mais importantes realizadas pela teoria dejouriana foi a constatação de que os indivíduos desenvolvem mecanismos de defesa individuais e coletivos para fazer frente ao sofrimento e aos constrangimentos ligados ao trabalho.

As estratégias de defesa, segundo Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), podem ser de natureza individual ou coletiva. Nas estratégias defensivas individuais, o mecanismo de defesa está interiorizado e tem pouco impacto sobre a organização do trabalho.

As defesas de negação, por sua vez, consideram o sofrimento e as injustiças uma coisa natural e são expressas por atitudes de desconfiança, individualismo, isolamento e banalização das situações desagradáveis do trabalho. Quanto às estratégias de racionalização, estas expressam uma forma de evitar a angústia, o medo e a insegurança no trabalho, buscando justificativas aceitas socialmente para situações dolorosas e desagradáveis, acelerando o ritmo de trabalho e de produtividade. As estratégias de racionalização manifestam-se pela resignação, apatia, passividade, pelo conformismo, individualismo e presenteísmo (BARROS; MENDES, 2003; FERREIRA; MENDES, 2003; MENDES; ABRAHÃO, 1996; MENDES; MORRONE, 2002;). Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994) asseveram que essas estratégias, ao minimizarem a percepção do sofrimento, protegem o psiquismo, mas contribuem para facilitar a adaptação às pressões de trabalho patológicas.

Outra forma de lidar com o sofrimento é por meio da mobilização subjetiva, que implica a ressignificação do sofrimento e não sua negação ou minimização. Nesse caso o trabalhador não se aliena, mas procura dar um novo sentido ao seu sofrimento (DEJOURS, 1994).

As estratégias defensivas coletivas se organizam por consenso e dependem das condições externas que envolvem as relações intersubjetivas no grupo de trabalho. Segundo Castro-Silva (2006), elas unem o grupo para enfrentar o sofrimento causado pela pressão da organização do trabalho, mas deixam de funcionar a partir do momento em que um membro do grupo rompe as regras acordadas (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

Para Mendes (2007b), as estratégias de mobilização coletiva são mais apropriadas para manter os trabalhadores próximos da saúde no trabalho, considerando seu caráter transformador dos contextos de trabalho. No entanto, Mendes e Cruz (2004) e Ferreira e Mendes (2003) observam que as estratégias defensivas são mais comuns do que as estratégias de mediação coletiva, pois estas últimas pressupõem a exigência de espaços públicos para discussão da organização do trabalho e mobilização do coletivo de trabalho. Mendes (2007b) acrescenta que o trabalhador, facilmente capturado pelo desejo da produção, utilizando estratégias de mediação do sofrimento mais defensivas do que de mobilização para mudança, favorece a maior exploração do trabalho em prol da produção.

METODOLOGIA DA PESQUISA

O método de pesquisa utilizado neste trabalho baseou-se em um estudo de caso, de caráter descritivo qualitativo. O estudo de caso aplica-se a esta pesquisa, já que a ela interessou a percepção dos professores da IFES quanto ao prazer e ao sofrimento no desempenho da função.

A unidade pesquisada consiste em uma IFES *multicampi*, com atuação no estado de Minas Gerais, cuja sede se localiza em Belo Horizonte. Dentro do objetivo de promover o ensino profissional primário gratuito, a IFES passou a ministrar: ensino técnico, curso de tecnologia, engenharia industrial, pós-graduação *lato* e *stricto sensu*, graduação de professores; promover cursos de aperfeiçoamento e desenvolver

pesquisas nas áreas técnicas e industriais, além de prestar serviços a empresas e órgãos diversos da sociedade. São oferecidos 16 cursos de graduação e 9 cursos na pós-graduação (2 de especialização *lato sensu* e 7 mestrados acadêmicos).

A coleta de dados primários foi concretizada através da realização de oito entrevistas semiestruturadas com docentes efetivos e contratados que lecionam no ensino superior da IFES. Os sujeitos foram escolhidos por acessibilidade e disponibilidade em conceder a entrevista (VERGARA, 2009). O critério de saturação dos dados foi adotado para a finalização das entrevistas que foram realizadas no período de outubro a novembro de 2011. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para fins de análise.

Os dados qualitativos obtidos foram analisados sob a ótica da Análise dos Núcleos do Sentido (ANS), adaptada por Mendes (2007a) a partir da análise de conteúdo categorial desenvolvida por Bardin (2004). Mendes (2007a) ressalta que na ANS os temas são categorizados pelo critério de semelhança de significado semântico, lógico e psicológico. O *status* de núcleo de sentido é dado pela força dos temas que, ao serem recorrentes, criam uma consistência em torno daquele núcleo. Os dados secundários foram obtidos por meio de documentos da instituição (relatórios de gestão e Plano de Desenvolvimento Institucional) e de informações disponibilizadas em *sites* na internet, objetivando contextualizar e descrever a instituição.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Com relação às variáveis demográficas e ocupacionais encontradas nas entrevistas, a maioria dos respondentes tem acima de 40 anos, é casada ou com união estável, possui doutorado ou pós-doutorado, é efetiva e trabalha no regime de dedicação exclusiva. Quatro professores trabalham na instituição de um a 10 anos e os outros quatro se encontram na IFES há mais de 10 anos.

Núcleo de sentido 1 - Contexto de trabalho

No que diz respeito aos indicadores relativos às condições de trabalho, os resultados das entrevistas apontaram uma situação crítica. Tal fato se constatou principalmente pelas considerações feitas com relação à infraestrutura da IFES, compreendendo salas inadequadas, muito barulho no ambiente de trabalho, gabinetes precários, ambiente físico desconfortável e condições de trabalho precárias.

[...] Do ponto de vista de infraestrutura, nós precisamos ainda de algumas coisas. As salas são muito cheias, têm 45 alunos numa sala, fica muito quente. A reserva de equipamentos é complicada, e a gente tem que dividir com vários colegas. EDr8

Os estudos de Codo *et al.* (1999) e Carvalho (1995) sobre a saúde dos professores também encontraram resultados semelhantes e indicam que as doenças que acometem esses profissionais advêm, dentre vários fatores, das condições impróprias para o exercício do magistério.

Constatou-se que a *organização do trabalho* na IFES causa mais insatisfação do que as *condições de trabalho* e as *relações socioprofissionais*. Tal fato se deve,

principalmente, pelas considerações feitas com relação à pressão para cumprir os prazos, prolongamento do tempo que o professor gasta com o trabalho, cobrança por resultados e intensificação do trabalho docente.

Núcleo de sentido 2 - Relacionamento com os colegas

Para Mendes, Costa e Barros (2003), as relações sociais de trabalho são fontes de satisfação e podem contribuir para minimizar o sofrimento. No entanto, os dados obtidos indicam que, para a maioria dos professores entrevistados, os docentes não estabelecem de forma satisfatória relações com os colegas de trabalho. Os indicadores mais críticos associados a *relações socioprofissionais* obtidos relacionam-se a: disputas profissionais no local de trabalho, comunicação entre funcionários insatisfatória e falta de integração no ambiente de trabalho.

Percebe-se que entre os professores doutores a competição é maior, devido às cobranças impostas pela CAPES. Com isso as relações socioprofissionais ficam afetadas. A opinião dos entrevistados ilustra bem esta questão:

[...] Professor não tem solidariedade. A gente brinca no grupo, como uma forma de crítica ao nosso grupo, que professor não gosta de professor. Este é um fato: o grau de solidariedade do grupo é baixo. Especialmente quando você sobe, quando você vai para escolas que as pessoas têm só doutorado, por exemplo, o grau de competição entre elas é muito grande. A tendência de um é comer o fígado do outro. A cobrança da CAPES acirra esta competição. Você está lutando por espaços. EDr6

[...] O fato "da" gente ter que produzir cria uma competitividade. Ou você vai sozinha ou você vai com no máximo um ou dois. Isto acaba nos afastando um do outro. Às vezes "omite-se" informações. [...] confiar em quem? [...] Se tivesse lealdade seria muito mais agradável. EDr3

As *relações socioprofissionais* denotaram vivências de sofrimento, em virtude de sentimentos de competitividade entre colegas de trabalho. A visão de solidariedade e harmonia nos relacionamentos interpessoais se mostrou inexistente. Conclui-se que as *relações socioprofissionais* estão potencializando o custo negativo e o sofrimento no trabalho, sinalizando estado de alerta e requerendo providências imediatas.

Núcleo de sentido 3 - Disputas políticas

A eterna busca pelo poder dentro das organizações, como afirmam Pagés *et al.* (1987) e Motta e Freitas (2000), faz com que a confiança entre os colegas seja abalada devido à competição por cargos de chefia e outras vantagens individuais. Os depoimentos confirmam a existência de disputas políticas na instituição, como exemplificado na seguinte fala:

[...] Disputas políticas é uma questão que me chamou a atenção por vir de fora, de outro lugar. A primeira impressão que eu tive do aspecto político administrativo da instituição é que ela é feita de um modo muito personalista e menos profissional. Quando esta característica sobressai, o que percebo é que as decisões são tomadas dessa forma. É o tipo de coisa que se resolve numa conversa pessoal, numa troca de favores, tipo de privilégio. Tem o contrário também. Aquele tipo de pessoal que não se alinha politicamente pode sofrer desde um simples descaso, onde se deixa de atender às necessidades daquele grupo. EPDr4

La Boétie (1982) vê o comportamento da disputa como um processo de servidão voluntária, que vislumbra a possibilidade de, por meio dela, participar também do poder. Segundo o autor, as pessoas tentam administrar seus sentimentos em benefício do poder ou de alguma vantagem. Reforçando essa ideia, Pereira e Vieira (2011) consideram que a servidão voluntária caracteriza-se pela submissão consentida e legitimada pela naturalização e banalização do sofrimento e das injustiças, assegurando a produtividade da organização do trabalho.

Núcleo de sentido 4 - Competitividade entre os docentes

Para Bianchetti e Machado (2009), a corrida pela obtenção de pontuações no sistema *Qualis* fez com que o *quesito quantidade de publicações* se transformasse de meio em meta. Mendes (2007b) corrobora com esse pensamento, ao afirmar que é impossível atingir qualidade respeitando as prescrições, uma vez que o real é submetido a eventos, panes, imprevistos e problemas. Esse fato está presente no relato de alguns professores:

[...] O maior problema que eu vejo é a banalização das publicações. A publicação de “leite misturado com muita água”, porque eu preciso publicar tantos artigos por ano. EDr5

[...] O produtivismo, o produzir por produzir, é uma deformação do processo que é imposto pela forma como o sistema de pós-graduação está articulado hoje. Então, ou seja, os tempos da titulação passam a ser prazos, e não projetos. O centro de tudo passa a ser a questão do financiamento. EDr6

Percebe-se, através dos depoimentos, que as disputas profissionais no trabalho existem e estão intensificando o isolamento dos docentes. Para Codo *et al.* (1999), as situações de isolamento tendem a aumentar, pois a lógica produtivista afasta os docentes de qualquer relação que não seja a produção.

Núcleo de sentido 5 - Saúde

Segundo Bianchetti e Machado (2009), os reflexos dessa cultura que vem se estabelecendo nesse segmento de trabalhadores da ciência têm repercutido de maneira preocupante na saúde física e mental dos pesquisadores brasileiros. Barros e Mendes (2003) apresentam um posicionamento semelhante. Para as autoras, a distância entre o que a organização espera e o que o trabalhador realiza implica um custo humano que envolve dimensões psíquicas, físicas e cognitivas

O fator *custo cognitivo* foi o mais expressivo, quando comparado ao *custo afetivo* e *físico*. Em uma avaliação global, verificou-se que a maioria dos indicadores relacionados ao *custo cognitivo* dos sujeitos pesquisados foi apontada como grave e crítica. Os resultados evidenciaram que os indicadores mais graves com relação ao *custo cognitivo* se referem a: *fazer esforço mental, ter concentração mental, ter desafios intelectuais e usar a criatividade*.

Para Mendes (2007a), a avaliação grave significa um resultado negativo e produtor de custo humano e sofrimento no trabalho, forte risco de adoecimento, requerendo providências imediatas nas causas, visando a eliminá-las e/ou atenuá-las.

Os indicadores mais críticos associados ao *custo afetivo* relacionam-se com: *ter controle das emoções, ser obrigado a lidar com a agressividade dos outros e ter custo emocional*. Um dos entrevistados reconhece que o trabalho tem afetado seu comportamento e sua saúde: “[...] Eu tenho me tornado uma pessoa mais sem paciência. [...] tive que consultar um psiquiatra, estava no limite” (EDr3).

O indicador mais crítico associado ao *custo físico* relaciona-se com: *ser obrigado a ficar de pé*. “[...] Ficar em pé por um período prolongado me cansa muito, porque eu não tenho conseguido articular o meu tempo de modo a incluir atividades físicas regulares” (EDr7).

Interessante observar que os docentes entrevistados confirmam a presença desses danos, mas, ao mesmo tempo, os consideram normais. Os professores não consideram que o trabalho é causador de doenças, tendendo a relacioná-las a outras situações, como hereditariedade e idade. Mesmo aquele professor que admite doença relacionada ao trabalho tenta minimizar o problema afirmando ser uma situação normal. Para Oliveira, Paschoalino e Matias (2008), refletir sobre o presenteísmo docente é possibilitar o entendimento da docência por outro viés. Para as autoras, ao vivenciarem o presenteísmo, os docentes extrapolam a dimensão econômica do fato, pois não perderiam o emprego público por estarem doentes, mas procuram manter suas atividades com o intuito de cumprirem sua missão de educar.

[...] Eu sinto, porque agora eu tenho um problema de coluna. Acredito que não seria por má postura, não, a profissão não. Como eu sou dedicação exclusiva, a gente se dedica à pesquisa e à atividade de ensino. Não sou obrigada a ficar muito tempo em pé. Acredito que a dor na coluna não seria em consequência do trabalho, não. EDr3

As queixas mais frequentes dos docentes relatadas nas entrevistas estão relacionadas ao uso da voz no exercício da atividade profissional:

[...] Acho que a maior dificuldade, para mim, é a questão de voz, que é um complicador enorme. Além de não saber usar na maior parte dos casos, é acentuado devido ao número excessivo de alunos em sala de aula e às próprias características desta geração deles, dispersos. EDr8

Constatou-se que o *dano social* de docentes com doutorado é mais significativo do que o *dano social* dos professores com mestrado. Esse fato pode estar relacionado à qualidade e quantidade de atribuições que esses professores tendem a assumir, o que requer esforço mental, concentração, e resolução de imprevistos, gerando dispêndio emocional devido ao estresse para cumprimento de horário e de prazos.

[...] O doutor na instituição tem que assumir quase todos os encargos. Acaba que recai tudo sobre nós. Os cargos exigem que seja doutor. Isso vai sobrecarregando os doutores e causando todos estes sintomas. Acho que são de estresse. EDr3

Núcleo de sentido 6 - Precarização do trabalho docente

Para Cruz e Lemos (2005), o processo de precarização do trabalho tem sido acompanhado da crescente depreciação da atividade docente, em razão dos baixos investimentos nas ações de melhoria da educação superior, do ponto de vista seja dos ambientes de trabalho, da remuneração ou do reconhecimento social desses trabalhadores.

Os resultados evidenciaram que os indicadores associados a *esgotamento profissional (sobrecarga, estresse, esgotamento emocional, insatisfação e frustração)* são críticos, porém os mais representativos relacionam-se com *sobrecarga, estresse e esgotamento emocional*. Segundo os entrevistados, a produtividade é definida quantitativamente, independente da área de conhecimento e das condições de trabalho do sujeito. Essa análise foi confirmada pelos depoimentos observados nas entrevistas.

[...] Hoje, as instituições que se propõem a partir para um programa de doutorado são obrigadas a serem avaliadas com a mesma regra que são avaliadas, por exemplo, a UFRJ, a USP, a UNICAMP, a UFMG, que são escolas que tiveram tempo para isso. EDr5

A intensificação do trabalho docente, um dos itens da precarização da educação, foi ressaltada por um dos entrevistados.

[...] A expansão do ensino superior no país, nos moldes do REUNI, vai expandir quase as mesmas que existiam anteriormente. Ou seja, você vai aumentar o número de aulas dos professores, vai aumentar a carga horária de maneira generalizada, vai aumentar o número de alunos e, conseqüentemente, o trabalho dos professores da pós-graduação, que já é grande. Estes têm que dar aula na graduação, na pós-graduação, têm que orientar determinado número de alunos, captar recursos, ocupar cargos administrativos, participar de conselhos dentro da instituição. Realmente, seu tempo é nulo. EDr5

Núcleo de sentido 7 - Realização profissional

Os resultados evidenciaram que o indicador mais crítico associado aos fatores de prazer relaciona-se à *realização profissional*. Seus indicadores são percebidos pelos sujeitos pesquisados como uma situação moderada. Os indicadores mais satisfatórios associam-se a *orgulho pelo que faço, gratificação pessoal e identificação com as minhas tarefas*.

As entrevistas revelaram a profissão de docente numa perspectiva de transmissão do conhecimento, de preocupação com o outro, de contribuição para o crescimento do próximo.

[...] Eu me sinto realizado profissionalmente à medida que percebo que interferi na vida das pessoas, e não porque acho que poderia fazer mais e melhor. Você percebe efetivamente que está formando pessoas, contribuindo para que a vida da pessoa, de algum modo, se altere. Você percebe que o seu trabalho mudou a vida da pessoa. EDr6

Os dados obtidos nesta pesquisa corroboram com os estudos de Mendes *et al.* (2006), no qual os professores identificaram como fonte de prazer no trabalho o orgulho pela profissão, como transmissão de conhecimento e como agente que contribui para o desenvolvimento da sociedade, estando o maior prazer no saber que você contribuiu para o crescimento e o amadurecimento do aluno.

Núcleo de sentido 8 - Satisfação

Além do prazer em se fazer o que gosta, outros fatores que interferem na satisfação no trabalho docente foram apontados pelos entrevistados. Os que ficaram mais evidentes são a autonomia e o reconhecimento por parte dos alunos.

[...] Eu vim para universidade por causa da autonomia de trabalho, de trabalhar em algo que me interessa, que eu possa me dedicar, escolher aquilo que eu quero fazer. O que atrai o professor para a universidade é essa autonomia do trabalho. O grau de liberdade é fundamental. EDr6

Segundo Gradella Júnior (2010), os docentes em sua quase totalidade, gostam do trabalho e os motivos são inicialmente a natureza da atividade, no que ela contém. Mesmo que submetidos às condições de um trabalho assalariado e às relações de poder, a relativa autonomia na realização do trabalho docente ainda é uma questão que agrada.

Para Mendes *et al.* (2006), o processo de pesquisa também é um fator de satisfação, pois permite aos docentes utilizarem suas faculdades mentais para solucionar problemas e descobrir verdades. O entrevistado abaixo ilustra essa afirmação:

[...] Trabalhar em pesquisa, achando uma descoberta nova, publicando uma coisa é de uma natureza e me satisfaz. Eu fui educado num meio acadêmico que prezava, sobretudo, o trabalho de pesquisa, a formação de um cientista de carreira. O trabalho de pesquisa é uma coisa que me dá satisfação, e o fato que eu posso trabalhar sozinho, posso passar muito tempo quieto, trabalhando e estudando. EPDr4

Estudos no campo da saúde do trabalho apontam a importância da autonomia, da liberdade do controle e do domínio sobre o processo de trabalho (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994; DEJOURS, 1999; MENDES, 2007b).

Percebe-se que no trabalho docente a oportunidade de encontrar pessoas diferentes compensa a falta de reconhecimento. A psicodinâmica prescreve que as estratégias usadas para atenuar o sofrimento são construídas dentro das relações sociais positivas no trabalho: “[...] O contato com as pessoas. Eu estou falando mais propriamente dos alunos. É um contato, na maioria das vezes, com uma pessoa mais jovem, e isso eu acho estimulante, gratificante” (EPDr4).

Nos discursos dos docentes, o prazer de ser professor abrange, também, aspectos como o contato com os alunos, a ideia de realização da cidadania e a liberdade de poder expressar na organização valores pessoais, além de se realizar pessoalmente. Para Silva (2007), perceber que é possível trazer suas crenças e valores para o trabalho representa para o indivíduo a possibilidade de visualizar sua atividade como tendo um sentido maior, essencial para a realização de seus desejos, fator fundamental para a vivência de prazer.

Núcleo de sentido 9 - Sofrimento/burocracia

Foram relatadas pelos entrevistados exigências que geram sofrimento, como a falta de infraestrutura, ter de assumir atividades burocráticas, disponibilidade de tempo, trabalhar sob pressão e controle emocional. O desconforto referido pelos professores estudados pode ser observado fala a seguir: “[...] Talvez o excesso de trabalho, a questão de tempo, quando você planeja fazer uma coisa em determinado tempo e não consegue alcançar. Coisas que aparecem de última hora e a gente tem que resolver” (EM1).

Para Esteve Zarazaga (1999), têm-se acentuado as responsabilidades e exigências sobre os educadores. O professor sofre a maximização das responsabilidades e cobranças em razão do aumento das responsabilidades burocráticas.

A burocracia excessiva também foi apontada pelos docentes como uma das formas de sofrimento. Segundo Boechat (1991), na rede pública a burocratização impede a autonomia, pois depende, tanto financeira como materialmente, de decisões governamentais.

[...] De um lado, eu acho que tem que ser, porque as coisas não podem ser feitas aleatoriamente. Por outro lado, essa burocracia não é eficiente no sentido de que as coisas demoram muito, se feitas, se cumpridas todas as etapas burocráticas. Isto realimenta a maneira personalista de fazer as coisas. Ou seja, eu me canso de pedir as coisas do modo oficial, porque as coisas não andam. EPDr4

Da mesma forma, Mendes *et al.* (2006) consideram que a implantação de uma burocracia ineficiente aumenta a carga de sofrimento no trabalho, pois não permite que algumas tarefas tramitem com facilidade no contexto organizacional, provocando o adiamento e o atraso em determinados processos. Para os autores, os docentes são submetidos a diversas normas e a uma dependência excessiva de estruturas de apoio, que acabam se tornando mais importantes do que qualquer uma das três atividades acadêmicas: ensino, pesquisa e extensão (VIEIRA; CARVALHO, 2003). Dessa forma, a burocracia pode reduzir, significativamente, a obtenção de recursos para a realização de pesquisas, o que acaba aumentando o sofrimento e o desprazer no trabalho.

Núcleo de sentido 10 - Valorização e reconhecimento

Embora existam evidências de sentimentos fortes de realização, orgulho e identificação na atividade dos docentes, o mesmo objeto de prazer também é objeto de desprazer. De maneira geral, podem-se observar indicadores de sofrimento que se manifestam por meio de sentimentos de ansiedade, insatisfação, desvalorização e pelo não reconhecimento do trabalho deste profissional. A falta de reconhecimento percebido pelos docentes e relatado nas entrevistas comprova a tentativa de dar sentido ao sofrimento vivenciado na realização desse trabalho: “[...] A gente vive numa sociedade que não valoriza a docência. Pelo contrário, ela desqualifica a docência. Esta é a grande frustração que a gente tem na cabeça hoje. Acho que é uma escolha pessoal que cada um faz de vir para cá” (EDr6).

A indignação e a desvalorização do trabalho docente podem ser percebidas pelos seguintes dizeres:

[...] Ninguém em sã consciência quer que o filho estude para ser professor e passar pelo constrangimento que passaram os professores do Estado [de Minas Gerais] na Assembleia Legislativa. Na realidade, o reconhecimento do trabalho docente só pode ser feito não só, mas através da remuneração e das condições de trabalho. EDr5

Realizar-se por meio dos alunos parece ser um recurso muito utilizado pelos entrevistados para amenizar os impactos do trabalho sobre a saúde. Observa-se

que foram frequentes as verbalizações sobre a satisfação quanto ao relacionamento com os alunos, conforme se pode observar na fala apresentada a seguir:

[...] Nas instituições públicas, geralmente não se tem reconhecimento. Na maioria das vezes, você pode fazer um belíssimo trabalho ou um péssimo trabalho. Você fica na média. Isto faz com que as pessoas sofram. No meu caso, como eu tenho essa valorização por parte dos alunos, eu não tenho nenhum sofrimento. Eu me sinto realizada. EDr3

Núcleo de sentido 11 - Mecanismos de defesa

As estratégias de defesa de compensação, em que o trabalhador busca fora do ambiente de trabalho – ou mesmo dentro – para lidar com as contradições do contexto de trabalho, também se manifestaram entre os docentes da IFES.

Percebeu-se a presença tanto de mecanismos de defesas de proteção quanto de adaptação. A atividade física e o plano de trabalho utilizado como estratégia de compensação, na tentativa de minimizar o custo físico, podem ser observados nos depoimentos que se seguem:

[...] Como estratégia pensada, eu não tenho nenhuma. O que me ajuda nessas horas, não sei, talvez fazer um exercício físico, algo que me dá prazer, jogar futebol, cinema, teatro, coisas que me dão prazer e possam me lembrar que não é só o trabalho. Não são só essas coisas difíceis que fazem a vida. Eu ainda me permito falar “eu não vou trabalhar hoje à noite”, “não vou ligar o computador”. EPDr4

[...] O plano de trabalho que falei é perfeito. Eu estou colocando que não devo pegar em nada no final de semana, que aí ajuda. Você tem que ter momentos que procure outras esferas mesmo, de passeio, lazer. Eu corro, mas não faço tanto quanto gostaria. EM1

Para Freitas (2006), há resignificação do sofrimento quando o trabalhador é obrigado a aceitar os elementos que não são positivos na realidade do trabalho, diante das possibilidades do desemprego. E isso pode ser confirmado no depoimento a seguir: “[...] Nós somos seres humanos. Os professores aprendem a lidar com o salário, a violência na escola. Senão eles enlouquecem. A nossa profissão nos permite muita liberdade” (EDr5).

O fato de utilizar o mecanismo de defesa da racionalização indica que os docentes da IFES permanecem imóveis diante das dificuldades, procurando não modificar o que consideram errado.

Percebe-se no depoimento a seguir que os professores estão tomando atitudes individualizadas contra o que os faz sofrer, em vez de buscar soluções coletivas para resolver o problema: “[...] a gente é muito sozinho naquilo que faz. Não há muitas iniciativas coletivas com espaço articulado” (EDr7).

Percebe-se, entre os docentes da IFES, a falta de um coletivo de trabalho pautado na coesão e na confiança, o que dificulta a criação de defesas coletivas e de proteção, predominando o uso de defesas individuais de adaptação, que são ineficientes para lidar com esse contexto de trabalho. Para Mendes (2007a), essa alienação serve à ideologia dominante, visto que ela tem interesse nas mudanças nas relações de trabalho. Desse modo, explora e usa o paradoxo próprio das defesas

para evitar discussões sobre a organização do trabalho e manter os trabalhadores produtivos. Segundo Freitas (2006), os contextos de trabalho não são favoráveis à utilização de estratégias de mobilização, já que os elementos de cooperação e trabalho em equipe têm sido apropriados pelo capital, com o objetivo de promover maior exploração dos trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito aos fatores de vivências de prazer e sofrimento, constatou-se uma situação crítica tanto para os fatores do prazer quanto para os fatores de sofrimento. Os resultados demonstram que a precariedade das condições de trabalho dos docentes da IFES e o isolamento pessoal, resultante da competitividade e das exigências pelo aumento de produtividade imposto aos professores do ensino superior, também se constituem em fator de sofrimento no trabalho. Assim, embora a IFES favoreça uma organização do trabalho que propicia vivências de prazer, de maneira geral, as vivências de sofrimento identificadas encontram-se em situação de alerta. Com base nos resultados, pode-se afirmar que o contexto de trabalho estudado apresenta indicadores de saúde e adoecimento.

Através dos resultados obtidos, infere-se que as estratégias de defesa utilizadas pelos professores não estão sendo tão eficazes e capazes de neutralizar o sofrimento. Os resultados mostram indícios de adoecimento, visto que já há manifestações de danos físicos. Assim, pode-se inferir que a saúde desses profissionais encontra-se fragilizada. Conclui-se que a tendência à aceitação das adversidades das situações de trabalho e a utilização de defesas individuais contra o sofrimento, em detrimento de mecanismos para sua transformação, estão contribuindo para facilitar a adaptação dos docentes às pressões patogênicas e a exploração do trabalho. Conforme Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), essa tendência não favorece a tomada de consciência, a mobilização e a organização dos trabalhadores a fim de promoverem mudanças reais no contexto de trabalho. E podem com o tempo vir a se tornarem ineficazes e resultar em desordens físicas, psíquicas ou psicossomáticas.

Percebe-se nesta pesquisa uma identificação muito grande dos docentes com a Instituição. O prazer em pertencer à organização foi enfatizado na maioria das entrevistas, o que pode ser visto como aspecto positivo para a organização e para os próprios professores, como forma de amenizar os impactos do trabalho sobre a saúde, tanto física quanto mental. Pode-se inferir, dessa forma, que o prazer no trabalho parece encorajá-los a enfrentar os problemas e as dificuldades do cotidiano dessa categoria profissional. Segundo Mancebo (2007), a explicação para esse fenômeno aponta para o fato de que a conjuntura adversa da universidade ainda não conseguiu tornar inócuo o seu encanto como lugar de encontros e trocas, lugar de criação.

Observou-se que as vivências de prazer e sofrimento no trabalho dos docentes do ensino superior da IFES podem estar associadas à precarização pela qual passa a educação de uma maneira geral e às formas de avaliação do ensino superior, que acarretam novas exigências a essa categoria profissional.

Esta pesquisa possibilitou um melhor entendimento sobre o trabalho docente do ensino superior, bem como reforçou a abordagem teórica existente sobre prazer e sofrimento no trabalho realizado pelos professores do ensino superior em uma IFES mineira. Cabe aqui ressaltar que os resultados aqui apresentados não podem ser generalizados, uma vez que a instituição participante deste estudo possui características próprias que acarretam resultados específicos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARROS, Amon Narciso de; ANDRADE, Carolina Riente de; GUIMARÃES, Ludmila de Vasconcelos Machado. O lugar do trabalho na psique dos indivíduos: luto, melancolia e auto-aniquilamento do ego. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.
- BARROS, Paloma Castro da Rocha; MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Sofrimento psíquico e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. **Revista Psico-USF**, São Paulo, v.8, n.1, p.63-70, 2003.
- BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. Trabalho docente no **stricto sensu**: publicar ou morrer. In: FIDALGO, Fernando; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro de; FIDALGO, Nara Luciene Rocha (Org.). **A intensificação do trabalho docente**: tecnologias e produtividade. Campinas: Papirus, 2009. p.49-90.
- BOECHAT, Marcia Almeida. **As relações de trabalho no cotidiano da escola**: das relações alienadas às relações educativas. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Niterói, 1991.
- CARVALHO, M. M. B. **O professor** - Um profissional, sua saúde e a educação em saúde na escola. 1995. Tese (Doutorado Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.
- CASTRO-SILVA, Leonardo Monteiro. **Casos de afastamento por LER/DORT e retorno ao trabalho**: uma análise psicodinâmica. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- CODO, Wanderley (Coord.). **Educação**: carinho e trabalho. **Burnout**, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.
- CRUZ, Roberto Moraes *et al.* Saúde docente, condições e carga de trabalho. **Revista Electrónica de Investigación y Docência (REID)**, v.4, p.147-160, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.ujaen.es/revista/reid/revista/n4/REID4art8.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2011.
- CRUZ, Roberto Moraes; LEMOS, Jadir Camargo. Atividade docente, condições de trabalho e processos de saúde. **Motrivivência**, n.24, p.59-80, jun. 2005.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. A carga psíquica do trabalho. In: DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.
- _____. Subjetividade, trabalho e ação. In: _____. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2.ed. São Paulo: FGV, 1999.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho:** contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

ESTEVE ZARAZAGA, José Manuel. **O mal-estar docente:** a sala de aula e a saúde dos professores, Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Mário César; MENDES, Ana Magnólia. **Trabalho e riscos de adoecimento:** o caso dos auditores fiscais da previdência social brasileira. Brasília: LPA/FENAFISP, 2003.

FREITAS, Claudia Regina; CRUZ, Roberto Moraes. Saúde e trabalho docente. A integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 28., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ENEGEP, 2008.

FREITAS, Lêda Gonçalves de. **Saúde e processo de adoecimento no trabalho dos professores em ambiente virtual.** 2006. 235f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GRADELLA JÚNIOR, Osvaldo. Sofrimento psíquico e trabalho intelectual. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v.13, n.1. p.133-148, 2010.

HONÓRIO, Luiz Carlos. **Cisão e privatização:** impactos sobre a qualidade de vida no trabalho de uma empresa de telefonia celular. 1998. 198f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Belo Horizonte, 1998.

LA BOÉTIE, Etienne de. Discurso da servidão voluntária. 1982. Disponível em <<http://www.culturabrasil.org/zip/boetie.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

LANCMAN, Selma; UCHIDA, Seiji. Trabalho e subjetividade: o olhar da Psicodinâmica do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v.6, p. 79-90, 2003.

LANCMAN, Selma *et al.* O trabalho na rua e a exposição à violência no trabalho: um estudo com agentes de trânsito. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.11, n.21, p.79-92, 2007.

LUZ, Talita Ribeiro da. Reinterpretando valores do livre mercado: o caso Telemar-Minas. In: GARCIA, Fernando Coutinho; HONÓRIO, Luiz Carlos (Coord.). **Administração, metodologia, organização, estratégia.** 2.ed. Curitiba: Juruá, 2007. p.123-138.

MANCIBO, Deise. Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.20, n.1, p.74-80, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722007000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 5 out. 2011.

MENDES, Ana Magnólia (Org.). **Psicodinâmica do trabalho:** teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007a.

_____. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia (Org.). **Psicodinâmica do trabalho:** teoria, método e pesquisa. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007b. p.29-61.

MENDES, Ana Magnólia; ABRAHÃO, Júlia Issy. A influência da organização do trabalho nas vivências de prazer-sofrimento dos trabalhadores: uma abordagem psicodinâmica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.26, n.2, p.179-184, 1996.

MENDES, Ana Magnólia; COSTA, V. P.; BARROS, Paloma Castro da Rocha. Estratégias de enfrentamento do sofrimento no trabalho bancário. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.59-73, 2003.

MENDES, Ana Magnólia; CRUZ, Roberto Moraes. Trabalho e Saúde no contexto organizacional: vicissitudes teóricas. In: TAMAYO, Alvaro (Org.). **Cultura e saúde nas organizações**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.39-55.

MENDES, Ana Magnólia; MORRONE, Carla Faria. Vivências do prazer-sofrimento e saúde psíquica no trabalho: trajetória conceitual e empírica. In: MENDES, Ana Magnólia; BORGES, Lívia de Oliveira; FERREIRA, Mário César (Org.). **Trabalho em transição, saúde em risco**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p.25-42.

MENDES, Luciano *et al.* A Dialética Prazer/Desprazer no Trabalho: Vivências de Significado e Sofrimento no Trabalho de Professor Universitário. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 30., 2006, Salvador (BA). **Anais...** Salvador/BA: ANPAD, 2006.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do trabalho**, v.12, n. 2, p.141-156, 2009.

MOTTA, Fernando C. Prestes; FREITAS, Maria Ester de. **Vida psíquica e organização**. São Paulo: FGV, 2000.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro; PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz; MATIAS, Virgínia Coeli Bueno de Queiroz. O trabalho do professor do ensino superior, no contexto da pós-modernidade. In: SEMINÁRIO REDESTRADO: NUEVAS REGULACIONES EM AMÉRICA LATINA, 7., Buenos Aires, 2008. **Anais...** Buenos Aires: [s.n.], 2008.

PAGÉS, Max *et al.* **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1987.

PEREIRA, Clara Vanêza Marques; VIEIRA, Adriane. O sofrimento humano nas organizações: estratégias de enfrentamento adotadas em uma empresa de logística. In: ENCONTRO DA ANPAD, 35., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

SANTOS JÚNIOR, Adalberto Vital dos; MENDES, Ana Magnólia; ARAUJO, Luciane Kozicz Reis. Experiência em clínica do trabalho com bancários adoecidos por Ler/Dort. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.29, n.3, p.614-625, 2009.

SILVA, Rogério Rodrigues da. O trabalho de líderes religiosos em organizações protestantes neopentecostal e tradicional. In: MENDES, Ana Magnólia (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.283-301.

VERGARA, Sylvia Constant. 10.ed. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2009.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; CARVALHO, Cristina Amélia. **Organizações, instituições e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

Data da submissão: 21/10/2013

Data da aprovação: 20/09/2014